



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia de entrega da ordem
nacional do mérito científico e do prêmio
Álvaro Alberto para ciência e tecnologia*

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 30 DE NOVEMBRO DE 1998

Senhor Ministro Israel Vargas; Senhores Ministros de Estado; Senhores Embaixadores; Senhores Parlamentares; Senhores Membros do Conselho da Ordem Nacional do Mérito Científico; Senhor Eduardo Krieger, Presidente da nossa Academia; Senhores e Senhoras agraciados; Senhoras, Senhores; e jovens, que são muito numerosos aqui,

Mais uma vez o Governo tem a satisfação de cumprir um dever que é o de, ao homenageá-los – e o fazemos não só de todo o coração, mas com muita consciência do significado desta homenagem –, expressar o reconhecimento do País àqueles que trabalham, muitas vezes sem o reconhecimento público, pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia em nosso país.

Confesso que, ao ouvir as palavras do Professor Krieger sobre alguns dos êxitos que a ciência brasileira e a tecnologia brasileira, também, conseguiram, me entusiasmei. Comentei com o Ministro da Aeronáutica, Lélío Lobo, sobre como, realmente, é preciso que se preste mais atenção a quanto já foi feito.

Normalmente, estou acostumado a ouvir o que falta e a me debruçar sobre o que falta. E é imenso, é tão grande que nós, muitas vezes, nos perdemos sobre o que não foi feito ainda e o que precisa ser feito, e não reconhecemos o que já foi feito. O Brigadeiro Lobo me dizia que ele estará em uma cerimônia na qual vai comemorar o 50º avião AMX fabricado no Brasil – desenvolvimento tecnológico em cooperação com a Itália. Há pouco, o Dr. Krieger desfilava algumas das realizações da ciência brasileira. E o Ministro Vargas fez um balanço sumário de algumas transformações. Sei do muito que falta.

Mas, enquanto se distribuíam as medalhas, eu me recordava – e a Professora Maria Isaura há de se recordar junto comigo – de quando nós andávamos – é um lugar que não é muito aconselhável – num hospício chamado Juqueri. Mas nós estávamos lá não como pacientes. (*Risos.*) Estávamos lá fazendo uma pesquisa – ela deve se lembrar – para o Professor Roger Bastide. E discutíamos a questão do relacionamento entre a psiquiatria e as condições sociais.

A carência de meios para a realização de pesquisas era absoluta. A pesquisa era um lápis, o papel, o pesquisador, algum livro, e olhe lá. Não faz tantos anos assim. Eu já estou com os cabelos brancos, ela é mais moça que eu, mas, de qualquer maneira, não faz tanto tempo assim. E houve uma mudança significativa.

Sei que falta muita coisa, mas houve uma mudança significativa. E essa mudança se deveu a que houve uma tomada de consciência, por parte do País, sobre a importância da ciência e da tecnologia; e a que nós, de alguma maneira, estamos construindo um sistema institucional de ciência.

Não é fácil. Aqui foi mencionado que existe uma Academia de Ciência do Terceiro Mundo, da qual o Ministro Vargas é Presidente e eu sou humilde e distante membro. Pois bem, quando se vê o que acontece pelo mundo afora, no estabelecimento dos sistemas científicos e tecnológicos, sobretudo nos países que ainda lutam por ter uma situação melhor para o seu povo – países ainda não propriamente industrializados nem, melhor dito, desenvolvidos, que não têm condições de um desenvolvimento sustentado e sustentável –, vê-se que o Brasil, relativa-

mente, avançou muito, avançou bastante em comparação com países de faixa de desenvolvimento semelhante ao nosso.

E isso não se dá por acaso. Só acontece quando existe uma consciência – embora essa consciência, muitas vezes, não seja, ainda, especificada – que permeia a sociedade; quando existe uma capacidade, do próprio governo, de se organizar – o que também não é fácil, sobretudo no caso de países como o nosso, permeados não só por inflação, mas também com processos políticos muitas vezes danosos, para o desenvolvimento das instituições científicas; e quando existe, o que é mais importante do que tudo, uma chama, nas mentes e nos corações dos cientistas e das cientistas que, a despeito de tudo, continuam trabalhando e continuam produzindo. É da junção desses fatores que nasce a possibilidade de nós, efetivamente, avançarmos, no campo do desenvolvimento científico e tecnológico.

Isso tem acontecido no Brasil. O Ministro Vargas mencionou, se me recordo bem, 1,3% do PIB como a parte que cabe à ciência e tecnologia. Não gosto muito dos números, porque eles são sempre um pouco enganosos. Nunca se sabe qual é o tamanho do PIB, exatamente, depende da apreciação. Mas, de qualquer maneira, é um indicador, é comparável com outros indicadores e mostra o que se fez e o que falta fazer. Tomara seja possível, nos próximos anos de governo que me cabem, chegarmos aos 2% do PIB, para que possamos ter, efetivamente, um avanço relativo mais forte na ciência e na tecnologia.

Mas mais importante do que gastar mais é gastar bem. E, aí, eu os concito – e a mim mesmo – para que, em conjunto, e não agora, façamos as nossas análises para verificar se nós estamos gastando da melhor maneira possível. Quando um país começa a crescer e começa a dispor de mais recursos, precisa também de se preocupar com o gastar melhor, sobretudo porque as carências são muito grandes – e não carências só na área da ciência e tecnologia, mas em todas as áreas, sobretudo nas áreas sociais, que são as que mais preocupam o País e o Governo. Nós temos que verificar se estamos gastando da melhor maneira possível. Acredito que, em certas áreas, vai ser necessário haver uma espécie de adensamento do gasto, para dar maior hígidez às instituições de pesquisa.

Alguns aqui sabem o quanto eu me empenhei no programa que nós criamos chamado Proex, que era justamente para ajudar a cristalização de instituições de pesquisa. A nossa tradição sempre vai na direção que não é exatamente essa. É muito mais da demanda individual por *grants* ou por bolsas, que é natural, é justa. Mas nós não podemos, a partir de certa altura do desenvolvimento, nos contentar com termos um sistema de bolsas que se expande ou que, quando não consegue se expandir, se mantém. Nós precisamos olhar também para a própria instituição de pesquisas, porque a bolsa, muitas vezes, não é suficiente para garantir a condição de trabalho. Ela produz uma demanda maior de gasto na instituição, e a instituição não tem como responder àqueles gastos, e se perde a energia. Não há a sinergia necessária para que se possa produzir mais, a despeito do sistema de bolsas.

Faço essa pequena reflexão porque tem vindo a meu conhecimento uma série de relatórios nessa direção. Não creio que seja nem oportuno nem meu papel – porque será o papel dos que vão trabalhar nessa área – definir de que maneira nós podemos fortalecer a parte institucional das pesquisas.

Problemas também difíceis são os da fronteira entre o ensino e a pesquisa. A definição constitucional do que seja universidade é ambiciosa, mas raramente encontra paralelo na prática, porque a universidade é definida como uma instituição de ensino, de pesquisa, de difusão, extensão, e por aí vai.

Ora, uma boa parte das nossas universidades não tem condições efetivas de fazer pesquisa. Isso não digo em desmedro dessas universidades, porque no mundo todo é assim. Pesquisa é caro. Pesquisa requer concentração de talentos. E a pior coisa que pode acontecer é fazer de conta que se está fazendo o que não se está fazendo ou titular rapidamente, para, com isso, preencher requisitos que são formais. Vamos ter que examinar mais em profundidade, realmente, como as universidades podem se expandir, algumas se especializando mais em um terreno do que em outro terreno; e como o sistema de pesquisa, por sua vez, também pode ser fortalecido, independentemente do que esteja acontecendo no sistema de ensino propriamente dito.

Prometo que não vou falar muito. Mas, já que falamos da questão relativa à destinação de recursos e que também foi mencionada tanto pelo Professor Krieger quanto pelo Ministro Vargas, o importante esforço nacional que se está fazendo em várias áreas e a falta de equilíbrio, muitas vezes, entre o número de pessoas à disposição da sociedade e o que a sociedade requer para que ela possa realmente se desenvolver, tanto no setor econômico quanto no setor social, é conveniente dizer que o esforço maior, em um país como o Brasil, continua a ter de ser feito em termos da educação de base, do ensino fundamental.

Quando se vêem os números, e, ainda hoje, com o Ministro da Educação, me debruçava sobre alguns números, percebe-se que a nossa situação continua sendo dramática nos níveis de educação fundamental e de educação secundária – não tão dramática, neste momento, na abrangência do sistema educacional, mas no resultado, muitas vezes. Progressos há. Na própria avaliação dos professores, que agora nós fazemos, há progressos que são notáveis; mas, muitas vezes, a avaliação que os alunos fazem – e nós dispomos dos dados – sobre o que aprenderam nas escolas são dados bastante preocupantes quanto ao resultado daquele esforço.

Então, o desafio que nós temos é o de estarmos na vanguarda, como, aqui, algumas áreas de vanguarda foram mencionadas, ao mesmo tempo sem nos esquecermos do que não é vanguarda, da nossa retaguarda. E é retaguarda mesmo. Porque, se essa retaguarda não se fortalece, não vai haver uma vanguarda capaz de levar adiante os ambiciosos programas de um país que quer se afirmar como competente também na criação científica e, também, na geração de idéias.

Daí a necessidade de mensurar os recursos, porque nós temos muitas frentes de batalha ao mesmo tempo. E algumas que não são produtoras diretas de ciência e de tecnologia são, sim, indispensáveis para que se possa produzir ciência e tecnologia ao longo do tempo e para que nós possamos ter um projeto nacional que satisfaça, efetivamente, a população do País.

Dito isso e me escusando por ter feito reflexões fora de esquadro, porque deveria apenas felicitá-los, quero terminar reiterando as minhas

felicitações e lhes dizendo que as homenagens que recebem, tanto no que diz respeito ao Prêmio Álvaro Alberto quanto às comendas que acabam de receber, são uma pequena manifestação do entusiasmo que o Presidente da República e o Governo têm, e o País também, pelo enorme esforço que os senhores e as senhoras têm feito em prol do Brasil, através das suas pesquisas e da sua produção científica e tecnológica.

Muito obrigado e parabéns!